

Seção Iconografia

Acervo iconográfico do Instituto Butantan: patrimônio e pesquisa

*Iconographic collection
of the Butantan Institute:
patrimony and research*

Sergio De Simone¹

1.
Arquiteto e pesquisador membro
do Laboratório Especial de História
da Ciência do Instituto Butantan.
Especialista em História da Arte
e da Cultura pelo Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Unicamp.

Pelo que já foi dito, o leitor pode deduzir que eu não acredito que o historiador esteja mais bem situado para tratar da imagem visual: ele ou ela está antes de tudo preocupado com a interpretação do passado, não com a prática visual e com as questões críticas atuais. No entanto, os historiadores levantaram questões sobre o material visual de maneiras proveitosas que podem lembrar àqueles de nós que estão primeiramente ligados à crítica e aos assuntos culturais atuais, que todo o material do passado é potencialmente admissível como evidência para o historiador.

Ivan Gaskell – Curador de Pinturas dos Museus de Arte da Universidade de Harvard.

O trabalho em registros de história é uma atividade dinâmica, pois há múltiplas possibilidades de abordagem dos fatos históricos, e sua interpretação pode alterar-se substancialmente, em função do cotejamento da documentação existente com novos elementos que surgem à medida que avança a divulgação dos resultados de pesquisas e do emergir de apontamentos inéditos ou desconhecidos – muitas vezes olvidados em meandros pouco explorados no interior dos arquivos.

Assim, cabe ao historiador, conforme Nalin et al (2014), "a função de dar sentido a estes elementos esquecidos e relacionar aos fatos históricos, enriquecendo-os, ultrapassando o sentido de narração..."

Em muitos casos, essencialmente a imagem – em suas várias modalidades de representação iconográfica

–, contém latente e amplo potencial histórico que muito contribuiu para o processo do “fazer história”.

Contudo, particularmente a cartografia e desenhos arquitetônicos são registros que requerem expertise na leitura e interpretação do documento. Os elementos gráficos e signos tem linguagem própria e requerem conhecimento prévio desse léxico para a clareza e perfeita compreensão do registro. Pode-se deduzir que este obstáculo tem dificultado o acesso de historiadores ao conteúdo desses documentos, até bem pouco tempo relegados ao plano coadjuvante como fonte documental na disciplina de historiografia.

De forma geral, a inaptidão de historiadores para manipular informações contidas em imagens era uma das razões para sua pouca importância nos estudos levados a termo em historiografia durante o século XX. Constatava Gaskel (1992, p. 237), ao encerrar-se a última centúria:

Embora historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficarem mais à vontade com documentos escritos. Consequentemente, são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes a pessoas profissionalmente ligadas à problemática visual.

Essa opinião foi compartilhada por Possomai (2008, p. 253), referindo-se ao emprego da imagem enquanto testemunho. Segundo sua análise,

O estudo das imagens esteve presente em abordagens históricas desde os séculos XVIII e XIX, principalmente quando o período ou o tema investigado não poderia prescindir deste tipo de fonte, como a pré-história ou o Renascimento (BURKE, 2001, p. 13). No entanto, feita esta ressalva, a utilização de imagens nos estudos históricos não é corriqueira entre os historiadores mais afeitos à tradição de trabalhar, única e exclusivamente, com os documentos escritos. Mais que predileção, a ausência das imagens nas abordagens históricas revela uma característica da formação dos historiadores que privilegiou o texto escrito, a tal ponto que o historiador Raphael Samuel, nos anos

sessenta do século XX, chegou a considerar-se ao lado dos colegas de mesma geração de "analfabetos visuais" (SAMUEL, apud BURKE, 2001, p. 12).

De lá para cá, a situação alterou-se ligeiramente e alguns historiadores têm apresentado contribuições de inestimável valor, "usando as imagens de sofisticada e especificamente histórica" (GASKEL, 1992, p. 237).

Não obstante, no campo da história das artes visuais e da arquitetura, esse panorama alterou-se substancialmente, pois a iconografia se de um lado é o próprio objeto de estudo; por outro, trata-se de documental a ser operado enquanto fonte primordial para análise e compreensão da produção do objeto e sua contextualização.

O assunto é amplo e complexo e extrapola as modestas pretensões deste enunciado. Nas referências bibliográficas, a seguir, enumeramos alguns títulos que permitem introduzir-se no tema para aprofundamento dessas questões.

O que nos traz a estas considerações e generalidades sobre o assunto *fontes e iconografia* são as diversas possibilidades de abordagem historiográfica sobre o conteúdo de arquivos de material visual e suas possibilidades de resgate de memória. Uma das vertentes dessa metodologia é o tratamento arquivístico que a produção de croquis, esboços, desenhos técnicos, entre outros materiais produzidos por arquitetos e engenheiros – o chamado Projeto, instrumento que permite antever e/ou iniciar a realização do objeto antes mesmo que ele ganhe integral materialidade.

Em muitos casos, por incompreensão e pouca valorização em comparação aos apontamentos escritos, as grandes dimensões dos registros (pranchas que excedem a 1,00 × 1,00 m), a fragilidade do suporte (pergaminho, papel, tecido), os desenhos recebem, via de regra, tratamento e acondicionamento inadequado e classificação pouco confiável, com parca informação a seu respeito para recuperação do registro.

Outra face do problema refere-se a esse específico tipo de documentação, que em muitos casos, por si não explicita a origem, o assunto, o autor, data/período, a que se destinava, entre tantas informações.

Agrava-se a questão quando o material se relaciona à obra de arquitetura não construída, como é o caso do grupo de pranchas arquivadas no Núcleo de Documentação do Instituto Butantan (NDOC/CDC/IB) referente a estudo para projeto urbanístico, paisagístico e de arquitetura de um nosocômio. Trata-se da seguinte série de desenhos anexos:

A-IB_ICO_009382;	G-IB_ICO_009386;
B-IB_ICO_009383;	H-IB_ICO_009380;
C-IB_ICO_009385;	I-IB_ICO_009389;
D-IB_ICO_009381;	J-IB_ICO_009390;
E-IB_ICO_009384	K-IB_ICO_009391;
F-IB_ICO_009387;	L-IB_ICO_009388.

Formam um conjunto de 12 desenhos, em que classificação aqui apresentada pelo código que formulei – a partir do original ordenado no NDOC/CDC/IB –, onde as letras iniciais de A a L apontam para a sequência que relaciona a implantação do conjunto arquitetônico (A-IB_ICO_009382) e a seguir a planta de cada edificação e sua respectiva elevação (desenho de fachada), conforme se apresentam da esquerda para a direita. Após o hífen, o código IB_ICO_009380 a IB_ICO_009391 relaciona-se ao ordenamento arquivístico do Núcleo de Documentação. Ou seja, nessa pioneira abordagem, procurei encadear a posição de cada prédio na implantação do conjunto e agrupá-las por par de desenhos que apresentassem a disposição em planta e em elevação de cada unidade. Os desenhos de inicial B e C reportam-se à Casa do Porteiro; D e E pertencem à Administração; F e G ao pavilhão de internação Número 1; H e I ao Pavilhão de Classe (ou seja, destinado a pessoas de classe superior posicionadas na pirâmide social); J e K aludem ao Pavilhão Número 2 (refere-se à internação do paciente selecionado por separação do indivíduo a cada pavilhão, que pode se dar por classe social ou por tipo de doença infecciosa); e, finalmente, ao desenho L que comportaria o desinfetório – local de desinfetar roupas e objetos dos pacientes portadores de moléstias infecto-contagiosas.

Por seu aspecto, sinais de envelhecimento, "estilo" de desenho, proposta arquitetônica formal, composição artística, plano urbanístico e paisagístico, disposição

pavilhonar, programa de distribuição interna das edificações, caligrafia e forma livre na aplicação da assinatura autoral, o conjunto nos leva a supor que sua produção se deu nas primeiras duas décadas do século XX. Como constam do acervo do Instituto Butantan, nos permite deduzir que se trata de proposta para o antigo Instituto Serumtherápico.

No entanto, os desenhos suscitam uma série de dúvidas. Foi proposta a construção de pavilhões de um hospital de isolamento no perímetro da antiga Fazenda Butantan, local onde se instalou o antigo Instituto Serumtherápico (atual Instituto Butantan)? Ou estaria vinculado ao extinto Instituto Vacinogênico – incorporado ao Butantan nos anos 1920. Houve intenção em construí-lo junto ao Vacinogênico, na Vila Mariana? A proposta foi iniciativa de que personagem ou instituição? Quem seria o autor (há uma assinatura similar em todas as pranchas de desenho)? Em que circunstâncias o plano foi gerado? Qual seria o objetivo desse sanatório?

Estas e muitas outras perguntas encontram-se sem resposta e a aguardar pesquisador que busque dar sentido a essa documentação, a partir de seu cotejamento com outras fontes documentais. O deslinde deste enigma daria corpo, maior significação e importância aos desenhos, à coleção e consequentemente ao patrimônio documental do Instituto Butantan.

Este exemplo é instigante e demonstra as potencialidades desse acervo, pois nele há muitos documentos – especialmente esse tipo de material iconográfico, que estão à espera de serem manipulados, explorados, compreendidos, assimilados e exibidos sob nova acepção.

Portanto, este comentário e a apresentação desse material iconográfico é um convite a pesquisadores para voltarem seu interesse sobre o nosso rico e inédito acervo documental.

Referências Bibliográficas

- BURKE, P. (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. **História e teoria social**. São Paulo: Unesp, 2012.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GASKELL, I. História das imagens. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, pp. 237-271.
- MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, jul. 2003, vol. 23, n. 45.
- NALIN, I. L. M. et al. Novos caminhos para fontes históricas: iconografia, fotos e objetos. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. **Cadernos PDE**. Curitiba: Secretaria de Educação / Governo do Estado do Paraná, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_hist_artigo_ivanir_lourdes_marques_nalin.pdf> Acesso em: 28 dez 2018.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PINSKY, C. B. et al. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.
- POSSAMAI, Z. R. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**, Franca, 2008, v. 27, n. 2, p. 253-277. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a12v27n2.pdf>> Acesso em: 28 dez 2018.
- SILVA, P. F. R. Desenho, imagem e memória: a arte, a técnica e a Significação na construção de uma obra Audiovisual. XI **Seminário do Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade**. Universitário da UEFS. Feira de Santana. Novembro de 2015. Disponível em: <http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/xiseminarioppdci2015/artigos/SD027_desenho_imagem.pdf> Acesso em: 28 dez 2018

Figura 1.
A-IB_ICO_009382 - Implantação
geral, s/d. Fonte: Autor desconhecido.
Acervo Instituto Butantan/
Núcleo de Documentação.

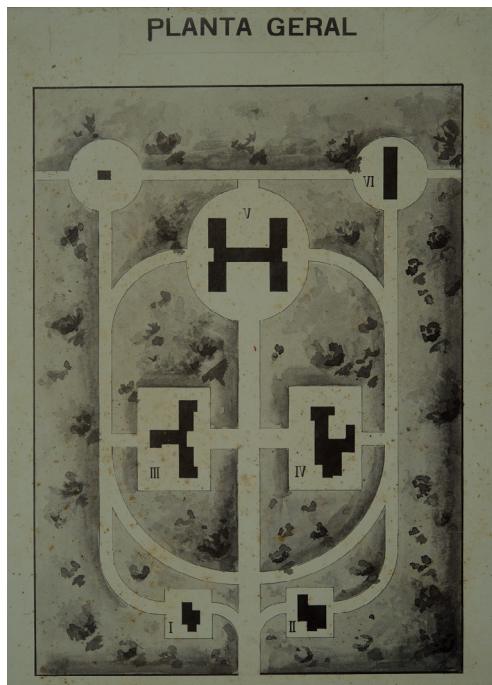


Figura 2.
B-IB_ICO_009383 - Casa do
Porteiro, planta, s/d. Fonte: Autor
desconhecido. Acervo Instituto
Butantan/Núcleo de Documentação.

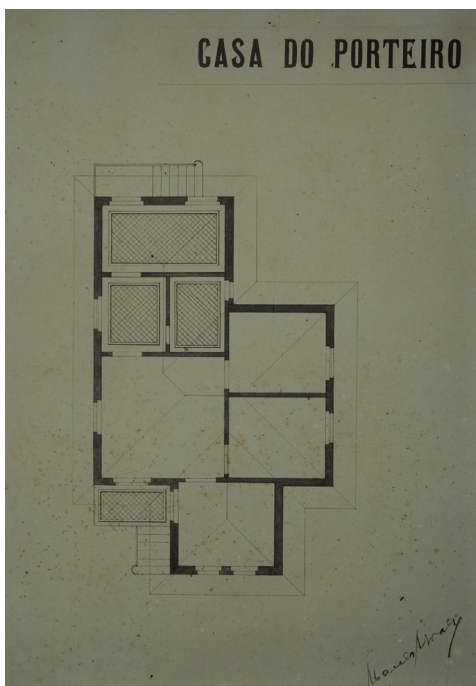


Figura 3.
C-IB_ICO_009385 – Casa do
Porteiro, elevação, s/d. Fonte: Autor
desconhecido. Acervo Instituto
Butantan/Núcleo de Documentação.



Figura 4.
D-IB_ICO_009381 – Casa de
Administração, planta, s/d. Fonte:
Autor desconhecido. Acervo
Instituto Butantan/Núcleo de
Documentação

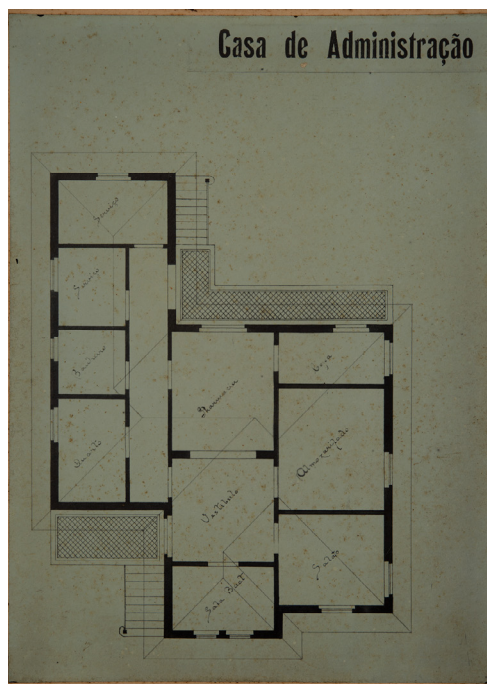




Figura 5.
E-IB_ICO_009384 – Casa de
Administração, elevação, s/d.
Fonte: Autor desconhecido. Acervo
Instituto Butantan/Núcleo de
Documentação

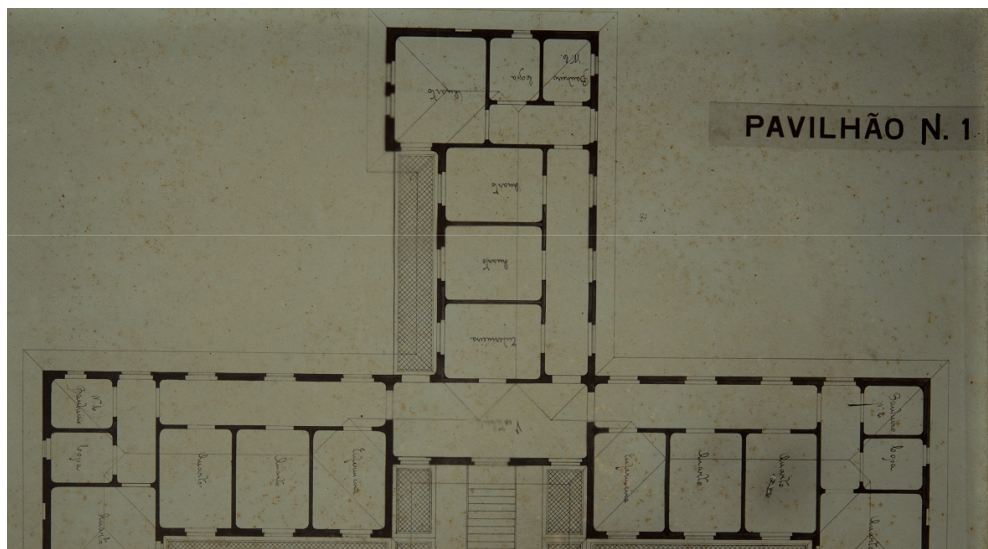


Figura 6.
F-IB_ICO_009387 – Pavilhão n. 1,
planta, s/d. Fonte: Autor desconhe-
cido. Acervo Instituto Butantan/
Núcleo de Documentação.



Figura 7.
G-IB_ICO_009386 – Pavilhão n. 1,
elevação, s/d. Fonte: Autor desco-
nhecido. Acervo Instituto Butantan/
Núcleo de Documentação.

Figura 8.
H-IB_ICO_009380; Pavilhão de
Classe, planta, s/d. Fonte: Autor
desconhecido. Acervo Instituto
Butantan/Núcleo de Documentação.

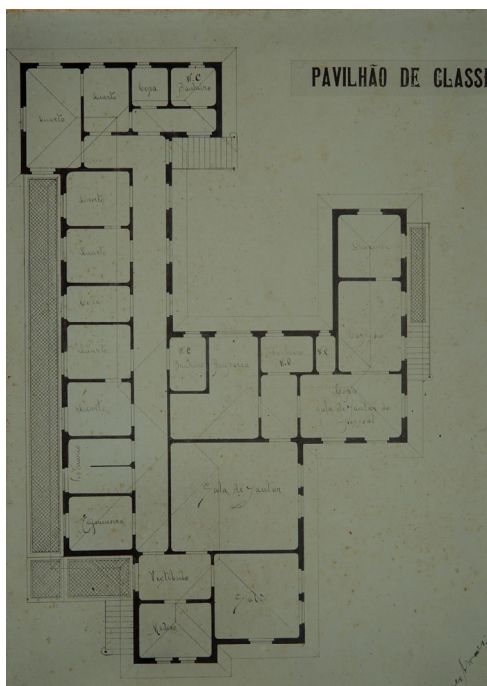




Figura 9.
I-IB_ICO_009389 – Pavilhão
de Classe, elevação, s/d. Fonte:
Autor desconhecido. Acervo
Instituto Butantan/Núcleo de
Documentação.

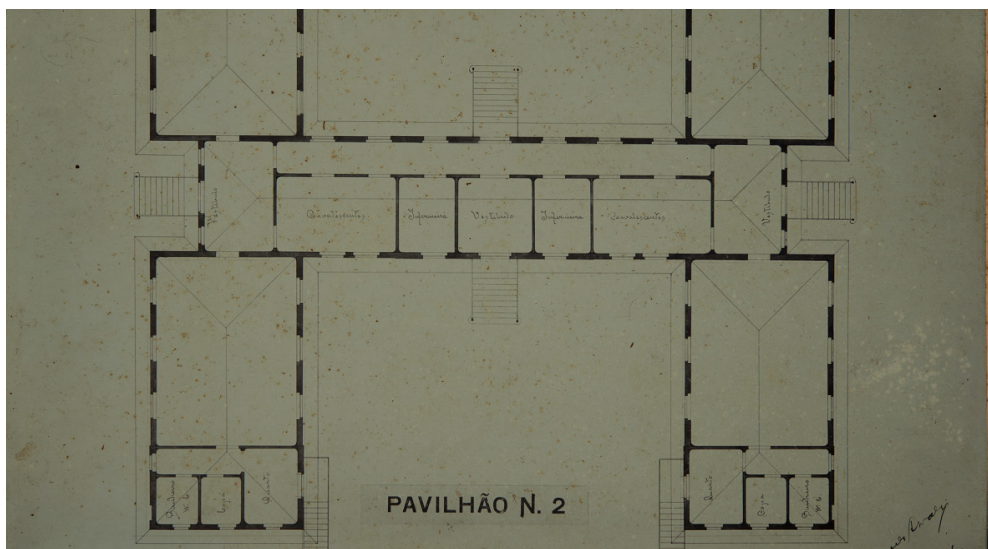


Figura 10.
J-IB_ICO_009390 – Pavilhão n. 2,
planta, s/d. Fonte: Autor desconhe-
cido. Acervo Instituto Butantan/
Núcleo de Documentação.

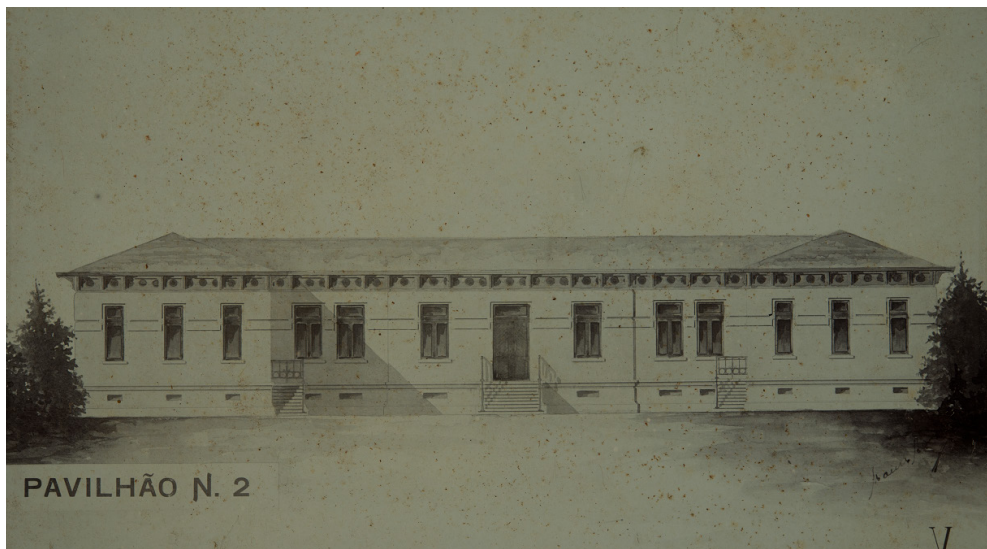


Figura 11.
K-IB_ICO_009391 – Pavilhão n. 2,
elevação, s/d. Fonte: Autor desco-
nhecido. Acervo Instituto Butantan/
Núcleo de Documentação.

Figura 12.
L-IB_ICO_009388 – Lavanderia e
Desinfetório, planta e elevação,
s/d. Fonte: Autor desconhecido.
Acervo Instituto Butantan/Núcleo
de Documentação.

